



2 19594

NA CÔRTE DA  
SAUDADE

(SONETOS DE TOLEDO)

POR

ANT<sup>o</sup> SARDINHA



MACÓRTE DA  
SAUDDADE

(SONETOS DE TORLDO)

FOR

ANT-SARDINHA

CAPA DE SAAVEDRA

MACHADO

5.  
19.594

Na Côrte da Saudade

#### DO AUTOR:

*Tronco reverdecido.* Poesias. 1910.

*O valor da raça.* 1915.

*A epopeia da Planície.* Poemas. 1915.

*A questão ibérica.* De colaboração. 1916.

*Quando as nascentes despertam...* Poemas. 1921.

#### NO PRELO:

*Ao Princípio era o Verbo (Ensaio & estudos).*

*A aliança peninsular. (Possibilidades & antecedentes)* Com  
prefácio do conde de la Mortera.

*Na feira dos Mitos. (Idéas & factos).*

*Chuva da tarde. Sonetos de amor.*

#### A SEGUIR:

*Ao ritmo da ampulheta. (Crítica & doutrina).*

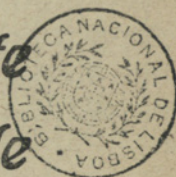
*Durante a fogueira. Páginas da guerra.*

*Era uma vez um Menino...* Elegias.

«Pequena casa lusitana». Sonetos.

*António Sardinha*

*:: Na Côrte  
da Saudade*



*R.* 83277

*Sonetos de Toledo*



“LVMEN,, — Empresa Internacional

Editora — Lisboa - Porto - Coimbra

1922



Composto e impresso nas oficinas da "LVMEN",  
R. Ferreira Borges, 108 a 111 — Coimbra.

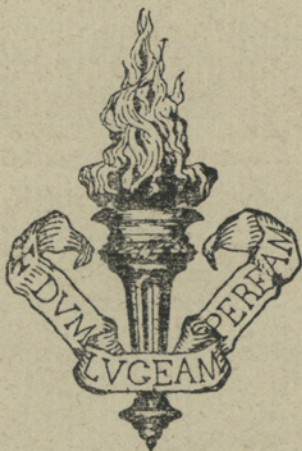
7-11-9  
8. lus

« aquella ilustre y clara pesadumbre,  
de antiguos edificios adornada. »

GARCILASO. — *Egloga Tercera.*

« . . . . . Toledo,  
Cidade nobre, e antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vai suave, e lodo. »

CAMÕES. — *Lusiadas*, Canto IV, estrofe X.







A  
LVÍS DE ALMEIDA BRAGA  
MEV IRMÃO  
NA RELIGIÃO DO ENCOBERTO  
EM LEMBRANÇA  
DOS CAMINHOS SENTIMENTAIS  
DO EXÍLIO  
QUE AMBOS PISAMOS  
GARRETTEANAMENTE.



*SONETO*

*DO*

*MARQUÊS DE QUINTANAR*



## SONETO

*A António Sardinha,  
fraternalmente.*

«Terra alheia? Algumas vezes  
Nada há mais nosso do que ela!  
Que o digam os portugueses  
No velho lar de Castola!»

ALBERTO MONSARAZ.

*Corriendo las angostas callejas toledanas,  
de tu yerro de siglos te arrepentiste un día...  
¡Cantaban en su lengua de bronce las campanas  
y una blanca paloma su ramo te ofrecía!*

*En tu mente florida, nuestras Patrias hermanas  
celebran gozosas su aurea epifanía...  
¡Benditos los dolores de las luchas lejanas,  
si hicieron el camino al triunfo y la armonía!*

*Y así mientras andabas las angostas callejas,  
en que abren su mirada tenebrosa las rejas,  
y las piedras se ungen de un aroma imortal,*

*iba soñando estrofas tu corazón jugoso,  
tan plenas de saudade, que el Tajo caudaloso  
las llevó hacia tu amada tierra de Portugal...*

EL MARQUEZ DE QUINTANAR,  
Conde de Santibañez del Río.

## INVOCÇÃO

« El Rey D. Sancho em Toledo, livre já dos encargos do Reyno & bem desenganado do pouco caso q̃ se pôde fazer das cousas da vida, passava o tempo com quietação, & repouso, pondo seu cuidado em grangear por meyo de boas obras outro Reino mais firme, & de mayor perpetuidade que o que perdera.»

*Monarchia Lusitana*, Tom. IV, livr. XIV,  
cap. XXXII.

« Nem vivo nem morto Sancho II devia tornar a transpôr as fronteiras de Portugal. »

ALEXANDRE HERCULANO.





*G*raças a ti, ao teu perfil moreno,  
eu conheci a paz que tinha dantes.  
Nesta agonia em que deliro e peço  
tu me embalaste em horas inquietantes!

*F*ôste p'ra mim um Portugal pequeno,  
alpendre sempre aberto aos caminhantes!  
Serás talvez pior de que um veneno  
— mas tanto basta p'ra que tu me encantes!

*Onde me trouxe, errando, a minha sorte!  
Trouxe-me à capital do Outro-Mundo,  
— trouxe-me ao purgatório da Saudade!*

*Toledo, côr do Tempo, irmã da Morte,  
porque destino trágico, profundo,  
o teu mistério me domina e invade?*

*L*onge, bem longe, numa pátria mansa,  
eu já te conhecia sem te ver!  
Nem mesmo sei porque entranhada herança  
tu vives tanto dentro do meu ser!

*Talvez que seja porque em ti descansa  
êsse que em ti penou até morrer!  
Rei destronado, lembra uma criança,  
cheia de estranho, de fatal poder!*

*Rei destronado, no maior segrêdo  
ei-lo reinando sôbre um vago povo,  
— ei-lo reinando em ar de moribundo...*

*Na Côrte da Saudade, que é Toledo,  
João-sem-Terra dum tormento novo,  
reina em silêncio, no silêncio fundo!*

# CANÇÃO DE TOLEDO

« Caminito toledano,  
! quién te tuviera andado! »

*Da canção.*



## *Canção de Toledo*

**M**ORA a Saudade em Toledo,  
— onde eu a fui encontrar!  
Fez a viagem do Tejo,  
custou-lhe pouco a chegar!

Toledo à bôca da noite,  
— canção de Sancho II...  
Possa Toledo ir comigo,  
quando eu me fôr deste mundo!

De tanto a ver nos meus olhos,  
perdi o tento ao que digo!  
Não sei se estou em Toledo,  
se está Toledo comigo!

Desci ao rio à tardinha,  
— antes partir que ficar!  
Disse-me o Tejo, apressado:  
— « É se Toledo deixar! »

Essa palavra « saudade »,  
se um portugûês a inventou,  
foi em Toledo, — jurava! —  
que êle a chorar a soltou!

Sete-Partidas do Mundo,  
ninguém as dá percorridas...  
Pois sem sair de Toledo,  
corri as Sete-Partidas!



Se a voz do Longe encarnasse,  
tomava corpo em Toledo...  
É cada pedra uma alma,  
é cada alma um segrêdo!

Toledo, espelho da Morte,  
nasceu de sangue rial.  
Filha das águas do Tejo,  
tem um irmão: Portugal!

Se Portugal se partisse  
em dois bocados no mundo,  
era p'ra o Mar o primeiro,  
Toledo herdava o segundo!

Sou aprendiz de cigano,  
falo uma fala estrangeira...  
Por tua causa, ó Toledo,  
não tenho já quem me queira!

Se Deus, depois de defunto,  
me impõe eterno degrêdo,  
busquem-me as cinzas na cova,  
busquem-me a alma em Toledo!

Canção de Sancho II,  
— oh Dona Mécia traidora!  
E sinto os olhos em água,  
como se eu próprio é que fôra!

Saudade, coyta de Sancho,  
dentro do peito a moer...  
Tu és, Toledo, um moinho,  
moendo sem nos doer!

Alma-penada penando,  
não vejo às penas o fundo!  
Toledo, meu purgatório,  
eu já não sou deste mundo!

Se tu não fôras, Toledo,  
meu mal seria pior,  
ó Portugal pequenino,  
bocado de outro maior!

Andam cadetes na rua,  
— canção de Iria à janela...  
Meninas, lindas meninas,  
nunca fiando, — cautela!

Coyta de Sancho, caluda,  
— são horas de ir descansar!  
Longe, bem longe, senhora,  
no que estarás a pensar?!

« A vida acaba na morte,  
não póde a alma morrer! »  
Cantou-o alguém em Lisboa,  
só p'ra Toledo o aprender!

\* \* \*

Mora a Saudade em Toledo,  
— onde eu a fui encontrar?!  
Fez a viagem do Tejo,  
— custou-lhe pouco a chegar!

# NA ∞ CÔRTE ∞ DA ∞ SAUDADE

« No me podrán quitar el dolorido  
Sentir... »

GARCILASO.

« ... uma vida misteriosa — sem portugueses! »

AFFONSO LOPES VIEIRA.



## Soneto da ausência

**N**A Côrte da Saudade, certo dia,  
bateu meu coração de português.  
E assim batendo como ali batia,  
foi p'ra sofrer e amar que Deus o fez!

Foi p'ra sofrer e amar, — eu bem sabia!  
(Na Côrte da Saudade era uma vez...)  
E o coração, batendo em agonia,  
nunca bateu com tanta placidês!

Ampara-o tu de longe, ó doce Amada,  
queimando hervas contra o mau destino,  
num lento salmear de coisas lentas!

Canta um rimance, triste e compassada!  
Tu és a ama, eu sou o teu menino,  
— vê se me embalas, vê se me acalentas!



## Solar da Morte

**C**IDADE de agonia e de bruxedo,  
tu és uma paisagem de Outro-Mundo!  
Quem te roubou um dia o teu segrêdo,  
ficou p'ra toda a vida moribundo!

Guardada nos meus olhos, ó Toledo,  
tu cantas nas visões de que me inundo!  
Lembras-me um lago marasmado, quedo,  
onde há tesoiros a chamar do fundo!

Quero-te assim como te quis o Greco,  
reinando em minhas veias como um éco,  
— nem mesmo eu sei de que fatal orgia!

Ó côr de sortilégio e encantamento,  
o teu pintor de Sombras, macilento,  
foi o pintor apenas do que *via*!

## Sancho II

**M**AIS pobre e mais tristonho que um mendigo,  
ó meu D. Sancho, errante e destronado,  
hás-de ser sempre o mesmo rei antigo,  
sôbre o pendão real crucificado!

Tu reinas dentre as sombras do jazigo,  
— não se acabou ainda o teu reinado!  
Fantasma incerto que não acha abrigo,  
possues, no entanto, um reino dilatado!

Reino que vai até p'ra além da Morte,  
(és o monarca mais temido e forte!)  
um reino igual onde é que o há no mundo?!

Rei da Saudade, assim com ar funéreo,  
não tem limites esse grande império,  
— e cabe todo num adeus profundo!

## Parasceve

**O'** coração que estás batendo incerto,  
eu sei porque é que bates na incerteza!  
Disse-te o rio aqui à mão, bem perto,  
que se marchava á terra portuguesa!

Tanto bastou p'ra que no teu deserto  
florissem açucenas com pureza,  
ó coração, vassalo do Encoberto,  
vivendo sempre numa flama acesa!

Ao fundo, sôbre os longes, mora a neve ...  
Paixão de Christo na paixão do rio.  
Toledo à hora - sexta. Parasceve.

E o Tejo passa, angustiado e estreito.  
Põe-te a correr com êle ao desafio,  
ó coração que bates no meu peito!

## Velho tema

A Cava! A Cava! Quem seria ela?  
Oh quem seria essa princesa estranha,  
por cuja falta, — falta de donzela! —,  
um dia houve perdição tamanha?

Ainda agora, quando a lua vela,  
a Cava desce ao rio e ali se banha,  
mais do que nunca tentadora e bela,  
— mais do que nunca a perdição de Espanha!

Ai do que em vida lhe provou o encanto!  
Preso às cadeias do fatal quebranto,  
morre a penar como o bom rei Rodrigo!

Oh Cava! Oh Cava! Eu sei o teu segrêdo!  
Tu não és mais que a alma de Toledo,  
vertendo em nós todo o seu ópio antigo!



## Na Cathedral

**C**ONTAI-ME, alâmpadas, o velho caso  
de certo cavaleiro português  
que, de joelhos num sepulcro raso,  
soube cumprir os votos que êle fez!

Em nome do Senhor daqui o emprazo  
p'ra que se mostre aos homens outra vez!  
A raça de que êle era está no ocaso,  
— são horas estas p'ra montante e arnês!

Martim de Freitas...

E no templo escuro,  
à meia luz dos círios, quem não há-de  
lembrar o exemplo do barão perfeito?

Ouvi, alâmpadas!

Também eu juro  
guardar a minha vida em lealdade  
ao grande sonho que me abraza o peito!

## Olhando o longe

**S**ANCHO II... E o seu olhar ausente  
revive-o com tristeza o meu olhar!  
Às horas da tardinha, ao sol-poente,  
levava o tempo todo a meditar.

Às horas da tardinha, lentamente,  
subia o Rey-Saudade ao alcaçar.  
Longe, bem longe... E a ânsia da corrente  
parece um coração a palpitar!

Parece um coração batendo forte...  
Longe, bem longe! Amor, irmão da Morte,  
mas que distâncias há que não afrontes?!

Parte depressa e vem trazer ligeiro  
as novas que te dérem, cavaleiro,  
de Aquela que ficou p'ra lá dos montes!

## Vexilla Regis

« Alors commence la solennelle procession des siècles chrétiens s'acheminant à la suite de la croix dans la direction de l'avenir. »

GODEFROID KURTH.

**O**rgão geme. É Sexta-Feira Santa.  
Adoração da Cruz na Catedral.  
E sobe o côro numa voz que espanta,  
— voz de tragédia e cerração mortal!

Só um madeiro agreste se levanta,  
abrindo os braços negros por igual.  
Os padres cantam. E em tristeza tanta  
recorta o incenso a mística espiral.

Soluça o órgão...

Com a Cruz erguida,  
por todo o templo a fé que nos alenta  
entôa um hino à Árvore-da-Vida.

E eu, pobre criatura transitória,  
enquanto a procissão perpassa lenta,  
julgo assistir ao desfilar da Historia!

## Fala do silêncio

**N**ASCI debaixo de implacável sina,  
— mandam em mim constelações funestas.  
Quando será que o meu penar termina,  
Toledo dos Concílios e das Gestas?

Peneira a noite uma poeira fina,  
deixando-te sem rugas nem arestas...  
No entanto, que desvairo te alucina,  
— p'ra que sabat tremendo não te aprestas?

Toledo, côr de sangue, à lua-cheia!  
Oh que relâmpago êsse de epopeia,  
passando em minhas veias devagar!

Tudo se abisma no mistério mudo.  
Mas no silêncio em que se abisma tudo,  
ficou-me o coração p'ra conversar!



## Emigrados

*a Eduardo Pinto da Cunha.*

**T**OLEDO. Funerais de D. Quichote.  
(Ou seja o enterro do Senhor de Orgaz).  
Vamos descer à luz do mesmo archote,  
— vamos descer à cova em que êle jaz!

Olhai-vos bem! Quem há que não se note  
por entre a procissão que ali se faz?!  
Oh grande ajuntamento, cujo mote  
foi sempre a guerra por amor da paz!

Oh grande ajuntamento! E nós descemos.  
Somos dum mundo já que não existe,  
— somos dum mundo que perdeu os remos!

Irmãos de D. Quichote macilento  
ó cavaleiros da Figura-Triste,  
quando será o nosso enterramento?

## No Horto

**P**AIXÃO de Christo. Cãí a tarde lenta.  
Diz-nos adeus o sol p'ra além do rio.  
E no cair da tarde que adormenta,  
suspenso, o ar tornou-se mais macio.

Ensaia o Tejo arrancos de tormenta,  
— ensaia o Tejo um longo desvario.  
Paisagem de ruínas. Agoirenta,  
compõe Toledo o seu perfil sombrio.

Peço perdão a Deus, se O ofendo e peço!  
Mas, distraído da lição dos Salmos,  
vejo florir em tórno as açucenas...

Paixão de Christo no jardim do Greco.  
Se Ela estivesse,— a Esposa de olhos calmos,  
como eu beijara as suas mãos pequenas!

## Ronda macabra

**S**EREI das tuas covas afamadas  
o último escolar em bruxaria,  
Toledo dos defuntos, das ossadas,  
reinando sobre a treva que arrepia!

Não te receio as tintas carregadas,  
nem tenho medo à tua côr sombria!  
E a noite avança. P'las encruzilhadas  
andam fantasmas numa doida orgia!

Ó Côte dos Milagres, negra e estranha,  
por ti em tempos vinha gente a Espanha  
buscar a juventude nas retortas!

E a noite manda!

Espectro do Outro-Mundo,  
alguem arrasta o passo moribundo,  
— sou eu que te passeio a horas mortas!

## Ao Tejo

« ¡ Yo te recuerdo en la rojiza orilla,  
junto al agua que vino de Castilla! . . .  
Inefable rincón de Portugal! . . .

CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RIO — *El florido enigma.*

**N**ÃO me conheces! És criança ainda  
e apenas cuidas em seguir adiante!  
Por isso não te espanta a minha vinda,  
nem dás por ela, ó buliçoso infante!

Tejo em Toledo. Oh ânsia que não finda,  
— turvada excitação de caminhante!  
Antes que deixes essa várzea linda,  
que penses bem no que é andar errante!

E o doido marcha, alheio à dor, ao tédio,  
— marcha embebido em seduções remotas,  
atrás da voz do mar que o transfigura!

Talvez me escute, sem já ter remédio,  
quando, entre caravelas e gaivotas,  
lhe ponham termo as ondas à loucura!



## Noite toledana

*C. A. H.*

**O**H noite de Toledo, noite brava!  
Oh noite côr de púrpora violenta!  
E a febre em que o meu corpo se abraçava  
é febre que inda agora me atormenta!

Enquanto, de senhora feita escrava,  
a alma já sem fôrças se adormenta,  
a rosa do Pecado desfolhava  
as suas grandes pétalas, sangrenta.

Oh noite de Toledo!

E em giro tonto,  
eu era como alguém — macabro conto! —  
bailando entre dragões numa cisterna ...

la murchando a rosa do Pecado ...  
Mas no silêncio negro e enregelado  
surgia agora a perdição eterna!

Ay, Deus, e hu é?!

**C**OYTA de Sancho dentro em mim sangrando . . .  
Coyta de Sancho, meu irmão antigo . . .  
(Porque paragens de aventura eu ando,  
— mas a que longes não vim dar comigo?!)

Coyta de Sancho . . . E num soluço brando  
à sua coyta a minha coyta ligo!  
Na mesma pena as penas ajuntando,  
teci com elas um Cantar - de - Amigo!

Coyta de Sancho, — à provençal maneira . . .  
Ay, Deus, e hu é, Senhor, o verde pino?!  
Ay, Deus, e hu é, Senhor, a minha Amada?!

Porque me lembra, dôce e hospitaleira,  
pregunto aos écos p'lo seu rosto fino,  
— e os écos tristes não respondem nada!

## Ao Gréco

« Grego Pintor famoso que celebraram todos os poetas deste século : ora seu modo de pintar tão severo e tão escuro, que aos mais desagradava : nunca se lhe gastou painel em pessoa do vulgo : vivia a este respeito muito pobre, como soberbo de grandeza de seu espirito. »

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO. — *Apologos dialogais.*

**T**U és p'ra mim um purgatório imenso,  
em que eu lúbricamente me torturo !  
Pregunto muita vez se me pertenço,  
— ou se pertenço ao teu rebanho escuro !

Por entre fumos lívidos de incenso,  
em ti me encontro, quando me procuro !  
Nem imprimindo o rosto sôbre o lenço,  
eu deixaria um traço mais seguro !

Não sei porquê, mas sei que és meu parente!  
As Sombras que me evocas longamente,  
onde é que as foste descobrir, aonde?

Ó homem que voltaste do Outro-Mundo,  
revê-se em ti, como num lago fundo,  
todo o segrêdo que a minh'alma esconde!

## Desvairo antigo

« .. ou por arte de feitiçaria com que diziam que a Rainha D. Mécia o atara, ou por sua formosura, que dizem ser mui rara... »

DUARTE NUNES DE LEÃO.

**C**ANÇÃO de Dona Mécia, — a biscainha . . .  
Canção de Dona Mécia na ventana . . .  
Não fala o coração, mas adivinha,  
que o triste as mais das vezes não se engana!

*“ Por tantos modos eu te fiz rainha,  
— rainha do meu sonho, bem tirana!  
E não bastou, p’ra desventura minha,  
sentar-te nesse trono que te ufana! „*

Campêam com nobreza, entre o arvoredado,  
sôbre um poente fundo, ensanguentado,  
as tôrres e as muralhas de Toledo.

Paisagem de blasfêmia . . . E o desterrado  
murmura dôce, como num segrêdo:  
—“ *Oh Dona Mécia, oh corpo de oiro amado!* „



## Aleluia

« Campanicas do Toledo,  
óígoos y no os veo ! »

*Da Canção.*

**P**ÁSCOA do exílio, — coração desfeito . . .  
E os sinos tocam p'la tardinha mansa !  
Os sinos tocam dentro do meu peito  
a melodia duma velha esperança !

Sôbre o poente me aconcheço e deito,  
a ver se o coração assim descança . . .  
Quem te embalasse, ó coração, com geito,  
como se embala o berço a uma criança !

E os sinos tocam . . .

Que aleluia de oiro  
não vái p'lo céu, afogueado e loiro,  
como se fôsse uma romã ardente!

Páscoa do exílio, — coração desfeito . . .  
Só dentro em mim, nas sombras do meu peito,  
um sino dobra amarguradamente!

## Voz da Raça

**R**ESPONSA de Castela a Aljubarrota!  
E na mudez da pedra tumular  
dorme o vencido o sono da derrota,  
sonhando com alguém p'ra o desferrar!

Olho em redor . . . Da abóbada remota  
uma bandeira pende, a esfarrapar.  
E penso na desgraça que a amarrota,  
vexada e triste, sôbre o imenso altar.

Essa Isabel que ali a pôs um dia,  
do sangue do inimigo descendia,  
— sangue de Avís florindo em toda a graça!

Por isso, olhando o seu troféu antigo,  
Castela, não te espantes se te digo  
que nem assim venceste a minha raça!

## Epifanía dos cravos

**T**OLEDO com cadetes à tardinha,  
como se lê às vezes nas novelas . . .  
O sol-poente os longes acarinha,  
— paisagens enrugadas, amarelas.

Mais débil que asa débil de andorinha,  
a aragem beija os cravos nas janelas.  
Não sei que voz secreta se adivinha  
entre as ruínas, a falar com elas!

Toledo com cadetes passeando . . .  
E os cravos desabrocham longamente  
no enlêvo dêste abril renovador!

Ô madre Espanha, dorme um sono brando!  
Não se perdeu a tua alma ardente,  
— no velho tronco vai romper a flor!

## Soneto de amor

**A** tua linha airosa de açucena  
nunca me deixa, ó frágil criatura!  
Por isso é mais ligeira a minha pena,  
— por isso a minha pena é menos dura!

Na ausência que à saudade nos condena  
como um silêncio brando te emoldura!  
Lembras Toledo, tua irmã morena,  
cheia de encanto e cheia de amargura!

Santa Maria doce do meu sonho,  
p'ra ti as mãos com humildade ponho  
nas horas de agonia e de incerteza!

Vejo-te longe, como numa ogiva...  
Que a tua graça eternamente viva  
e que eu a sirva em terra portuguesa!



## Fome de Deus

**O**H alma de Toledo! . . .

E um frade préga,  
— um frade préga, iluminado e fundo!  
E até a Carne, tão grosseira e cega,  
se abrasa toda em ânsias do Outro-Mundo!

Dentro de mim, em mística refrega,  
protesta e grita um sonho moribundo.  
Corto-lhe pronto as asas que desprega,  
— e com o pó me quero e me confundo!

Como na hora do Final-Juízo,  
o chão anónimo, — êste chão que piso,  
povôa-se de assombros imortais!

Um frade préga!

E na palavra ungida  
parece mesmo que regressa à vida  
quem dela se partiu p'ra nunca mais!

## Lembrar! Lembrar!

« Nunca assi foi vendido  
rey Don Sancho en Portugal ! »

ALFONSO EL SABIO.

**O'** meu D. Sancho, ó grande insatisfeito,  
desce do trono e vem sonhar comigo!  
Somos irmãos os dois do mesmo peito,  
— temos no sangue o mesmo mal antigo!

Mal da Saudade, — mal de que eu me aleito  
nas horas que atravesso de mendigo —,  
costuma-me embalar com tanto geito  
que se tornou p'ra mim um bom amigo!

Lembrar! Lembrar! Oh singular bebida,  
por cuja graça tão ligado eu ando  
a alguém que está ausente e não me olvida!

Mas, ai de ti, ó pobre Rey calado!  
Se sabes bem o que é viver lembrando,  
sabes melhor o que é não ser lembrado!

## Madre Hispania

« Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra « hespanhol » designando exclusivamente o habitante da Peninsula não portuguez . . . Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula. »

ALMEIDA GARRETT. — CAMÕES.

*Nota ao Canto III.*

**T**OCAMOS um no outro levemente.  
— “ *Sou do Aragão.* „ — “ *E eu de Portugal!* „  
E dentro em mim, por maravilha ardente,  
a chama que brilhou não tinha igual!

Logo o passado ali se fez presente.  
E assim, naquele instante, a Cathedral,  
por todo o frio eterno que aparente,  
foi hóstia humana, vívida, imortal!

Foi hóstia humana . . .

E as gerações tombadas  
saíram da poeira, das ossadas,  
— e eu vi-me envolto em comunhão tamanha!

Ao alto, nos vitrais, findava o dia.

— “*Sou do Aragão!*„ E enquanto respondia,  
sentimos ambos que éramos de Espanha!

## Alma penada

**C**ORTOU o ar, febril e repentina,  
— cortou o ar, inquieta e sensual.  
Nem uma bruxa, quando lê a sina,  
possú, ao lê-la, uma atração igual!

É voz de perdição que nos domina,  
mais doce de que o ópio mais fatal.  
Ó Salomé, eterna bailarina,  
enrola-me aos aneis dessa espiral!

*A Valsa-dos-Apaches* em Toledo!  
E um gozo estranho, um lúbrico gemido,  
anda a morrer no ar coalhado e quedo.

Eu vou-me atrás do éco sonolento...  
Sou como alguém que, exausto e pervertido,  
na própria perversão encontra alento!



## Egas Moniz

« Tal diante do Principe indignado,  
Egas estava a tudo oferecido . . . »

CAMÕES.

**T**AMBÉM tu me visitas, cavaleiro,  
embora estejas outro, de mudado,  
com êsse porte que era sobranceiro,  
cinjindo agora uma alva de enforcado!

Egas Moniz . . . E dentre o nevoeiro  
contempla-me o barão assinalado.  
A gorja oprime-lh'a um cordel grosseiro  
e o corpo vai-lhe em vida amortalhado.

Só p'ra acudir a um reino pequenino,  
afronta a ira negra do destino  
e torna-a branda com o seu suor.

Errante como êle em terra alheia,  
pudesse a dor que o peito me golpeia  
abrir caminho ao Portugal-Maior!

## Na glória da tarde

**R**EINA Toledo ao fundo com nobreza,  
pensando nos mistérios da Outra-Vida.  
E o ceu, — um lindo ceu azul-turquesa —,  
laivou-se duma côr enraivecida.

Ó côrte do Silêncio e da Tristeza,  
solar da Dona-Infanta adormecida,  
— seja a Saudade embora portuguesa,  
quem sabe lá se foi aqui nascida?!

*Posada de la Sangre. Venta de Alma.*  
E com Barrés e Tirso de Molina  
vou conversando p'la tardinha calma.

Reina Toledo ao fundo nobremente . . .  
E assim de longe comò se ilumina,  
beijada com amor p'lo sol-poente!

## De profundis

« En este templo de S. Roman, Martir,  
repozan los restos de D.<sup>o</sup> Bartolomé  
Lorenzo de Gusman, Presbitero Port.<sup>gno</sup>  
Nacido en la ciudad de Santos = Brasil =  
en el año de MDCLXXXV, Primer Inventor  
de los acrostatos = Falleció en esta  
Capital en XIX de noviembre de MDCCX.  
La ciudad de Toledo le dedica este recuerdo ».

*Duma inscrição.*

**A** ânsia de subir em que te abrasas  
é essa mesma ânsia em que eu me excito!  
E penso, olhando as sepulturas rasas,  
se valerá a pena tanto grito!

Vê como as torres entre as outras casas  
se elevam firmes, mas com ar contrito!  
Meu pobre irmão, meu Fala-Só com asas,  
que vã cavalaria a do Infinito!

Padre Bartolomeu, — se dás licença  
que eu fale á bôa moda portugêsa! —,  
a tua geração não se acabou!

Porque voei numa loucura imensa,  
aqui me tens contigo na tristeza,  
chorando sobre as cinzas do meu vôo!

## Oração a Castela

*ao marquês de Lozoya.*

**C**ASTELA-Mãe, Castela da Conquista,  
és a Castela agora das colheitas!  
Por todo o imenso em que se afogue a vista,  
lembras um mar de espigas já desfeitas!

Contra um poente de oiro e de ametista,  
que fundos horizontes tu não deitas!  
Em vão se encrespa ao longe alguma crista,  
— são linhas que se apagam contrafeitas!

Castela, no crepúsculo inflamado,  
irmã da grande terra alentejana  
no mesmo sentimento do Infinito,

quando te vejo o agreste descampado,  
se a ânsia da minh'alma não se engana,  
sou eu que me desdobro e me repito!



## Moira encantada

**N**O horto do Pecado... Abriu-m'ó o Greco.  
Das mãos do Greco recebi a chave.  
E no delírio em que me esgoto e seco,  
flutúa sempre o mesmo corpo de ave!

É longo e fugitivo como um éco,  
— não há ninguém que m'ó retenha e grave,  
porque esse corpo, em quem, pensando, eu peço,  
tem tanto de onda, como tem de nave!

Toledo fez-se carne, — e carne ardente,  
com toda a fôrça dum bruxedo antigo,  
mais forte e mais fatal que o meu desejo!

Se fecho os olhos demoradamente,  
Toledo feita carne, — mas que digo?! —,  
é sempre nesse corpo que eu a vejo!

## Responso

**T**OLEDO toda junta diz « Saudade »,  
— Toledo tem costela portuguesa,  
desde que um certo rei com humildade  
aqui se fez vassalo da Tristeza!

Mirada sobre o Tejo, quem não ha-de  
sentir á voz do sangue a alma presa?  
Desvaira a altas horas a cidade,  
ao vêr que o rio a deixa com rudeza.

Ao ver que o rio a deixa e não a leva,  
Toledo, alucinada, sai da treva,  
— e pensa em ir, em abalar também...

Onde é que irás, irmã de Dona Cava?  
Olha se é grande o engano do que estava,  
maior é a amargura do que vem!

## Vitral

« Em Toledo se edificou hum insigne mosteiro, que foy o primeiro da sagrada Ordem da Conceição. . . Tanto que o tempo deu lugar tresladarão a bem-aventurada Dona Brites da Sylva para este Mosteiro da sua Ordem da Conceição, & poserão seus ossos que cheiravam maravilhosamente, em hum sopolcro de pedra bem ornado . . . »

FR. LUÍS DOS ANJOS. — *Jardim de Portugal.*

**A**NDAVA Beatriz sempre sósinha  
nas festas e caçadas de Castela.  
Entre os fidalgos servidor não tinha,  
pois se o tivesse despedia-o ela!

Murmura-se aos ouvidos da rainha:  
— « Talvez que el-rei pensasse na donzela! »  
E a ânsia que em seu peito se adivinha  
mandava que a espreitassem com cautela.

Ardendo num ciúme atordoante,  
quis a rainha surpreende-la um dia,  
fechada no aposento com o amante.

« Entrai, senhora ! »

E abrindo o cortinado,  
mostrou-lhe sôbre o leito em que dormia  
a imagem de Jesus-Crucificado.

## Triste fado

**N**UNCA me deixa a tua sombra errante,  
enchendo, lastimosa, a noite funda!  
Alma-penada, que ninguém se espante  
dos tristes ais de que ela nos inunda

Oiço-te o éco longo, arrepiante,  
— quási te vejo a boca moribunda . . .  
Nem nas tremendas criações do Dante  
essa agonia se repete e abunda!

E penso em teu reinado que não finda!  
Lembra-me alguém que está p'ra vir ainda,  
— teu sucessor em tão pesada herança!

Rey da Saudade, ó meu fantasma incerto,  
quando é que tu, p'lo braço do Encoberto,  
irás sentar-te nos jardins da Esperança?



## Memória

**M**EU coração de lusitano antigo  
bateu às portas de Toledo, — a estranha.  
Mais rôto e ensanguentado que um mendigo,  
só a Saudade os passos lhe acompanha.

Pois a Saudade ali me deu abrigo,  
ao pé do Tejo que a Toledo banha.  
Levava os dias a falar comigo,  
como um pastor com outro na montanha.

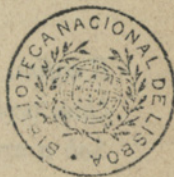
Em todo o mundo ha terra portuguesa,  
desde que a alma a tenha na lembrança  
e a sirva sempre com fervor igual.

Talvez por isso, em horas de tristeza,  
eu pude à sua amada semelhança  
criar p'ra mim um novo Portugal!

*Lendo êstes versos*

*Soneto de Eugénio de Castro.*





*Uma tarde revivo de ha cinco anos,  
Lendo êstes versos, que hábil mão segura  
Fez irmãos, p'la subtil cinzeladura,  
Dos tauxiados aços toledanos.*

*Toledo! Chamas no ar . . . Dois franciscanos  
Fogem do sol, que os queima na tonsura . . .  
Na catedral, que paz e que frescura!  
Passa um tropel de norte-americanos . . .*

*S. João dos Reys, jardim petrificado !  
O Tejo e o Greco ! Em senhoril meneio,  
Cheirando nardos, que gentil mulher !*

*E enfim, de tanto ver extenuado,  
Uma orchata de chufas saboreio  
Sob a arcaria do Zocodovér.*

EUGENIO DE CASTRO.

FINIS

LAUS DEO

OMNI SUB CORRECTIONE S. M. R  
ECCLESIAE



## ÍNDICE

Soneto do Marquês de Quintanar . . . . .	9
Invocação. . . . .	13
Canção de Toledo. . . . .	19
Na Côrte da Saudade . . . . .	27
Soneto da ausência . . . . .	29
Solar da Morte. . . . .	31
Sancho II. . . . .	33
Parasceve. . . . .	35
Velho tema . . . . .	37
Na Cathedral. . . . .	39
Olhando o longe . . . . .	41
Vexilla Regis . . . . .	43
Fala do silêncio. . . . .	45
Emigrados . . . . .	47
No Horto. . . . .	49

Ronda macabra . . . . .	51
Ao Tejo . . . . .	53
Noite toledana . . . . .	55
Ay, Deus, e hu é?! . . . . .	57
Ao Gréco. . . . .	59
Desvairo antigo. . . . .	61
Aleluia. . . . .	63
Voz da Raça. . . . .	65
Epifania dos cravos . . . . .	67
Soneto de amor . . . . .	69
Fome de Deus . . . . .	71
Lembrar! Lembrar!. . . . .	73
Madre Hispania . . . . .	75
Alma penada . . . . .	77
Egas Moniz . . . . .	79
Na gloria da tarde. . . . .	81
De profundis. . . . .	83
Oração a Castela . . . . .	85
Moira encantada . . . . .	87
Responso. . . . .	89
Vitral . . . . .	91
Triste fado . . . . .	93
Memória . . . . .	95
Lendo êstes versos, por Eugénio de Castro . . . . .	97

## ERRATA

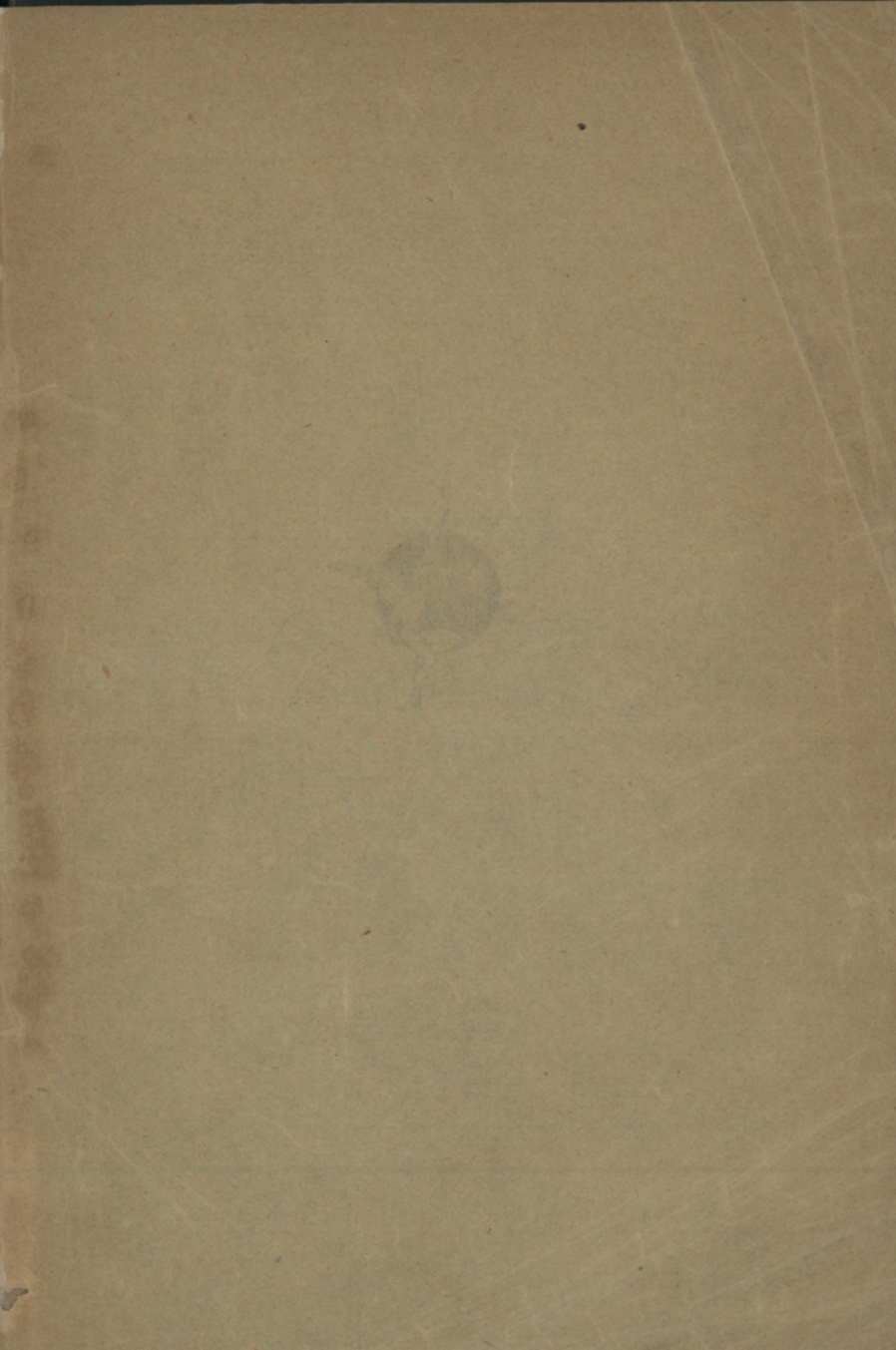
Onde se lê, a páginas 34:

*um reino igual onde é que o há no mundo ? !*

deve lêr-se :

*— um reino igual, onde é que o há no mundo ? !*





LVMEN

